



---

**INTELLIGERE, REVISTA DE HISTÓRIA INTELECTUAL**  
**EDITORIAL**

---

Neste número *Intelligere* reafirma a vocação multidisciplinar da história intelectual. Autores e obras são convocados a propósito de questões provindas de diferentes campos de investigação. Textos e temas usualmente relacionados à história do pensamento científico e filosófico são retomados e deslocados a partir de diferentes perspectivas de leitura crítica e reconstrução analítica.

As noções de gramática e pragmática da linguagem de Wittgenstein vem balizar uma reflexão renovada sobre a natureza do conhecimento histórico enquanto rede gramatical que, embora flexível e múltipla, acaba por sustentar nossas atribuições de sentido aos processos históricos.

A historiografia filosófica da ciência é examinada pelo valor heurístico de um método de investigação que reúne epistemologia e cultura, vida e pensamento, na reconstrução histórica do conhecimento científico.

Erudição histórica e filosofia da biologia se mesclam na tradução e comentário dos textos seiscentistas de Francesco Redi sobre geração animal, apresentados em sua complexa posição de transição entre tradição e modernidade.

Ciência e técnica também formam agentes que encontram expressão na sociedade. Do ponto de vista dessa inserção social, o pensamento brasileiro é visitado em várias frentes.

Pandiá Calogeras, engenheiro e intelectual, além de gestor pragmático, pensou políticas públicas para o desenvolvimento de fontes de energia no Brasil.

Sívio Romero e Manoel Bonfim, intelectuais polígrafos e intérpretes da cultura brasileira, divergem quanto à melhor política para um novo Brasil, num debate que traveja a construção da identidade nacional e de seu povo. Os argumentos provem tanto da recepção de teorias científicas contemporâneas quanto da recuperação dos traços intrínsecos à configuração sócio-política do país.

A dimensão social da produção do conhecimento emerge com maior clareza no caso de disciplinas ainda em constituição. A criação recente de bacharelados em história da arte em universidades públicas brasileiras provoca disputas institucionais e epistemológicas que, recuperadas a partir das controvérsias entre seus atores, iluminam o papel das comunidades científicas na constituição dos campos de conhecimento.

Finalmente, história e ciência tem os caminhos cruzados nas projeções sobre o futuro elaboradas por Herman Kahn, físico, estrategista militar e futurólogo estadunidense, ao longo de grande parte de sua trajetória profissional. O autor defendia a utilização de casos do passado como metáfora heurística para pensar desdobramentos futuros. A proposta teve revisão recente do historiador David J. Staley a favor do papel da história na especulação do futuro.